

**CASIMIRO DE ABREU**

Oh! Souvenirs! Printemps! Aurores!

(V. Hugo)

Oh! Que saudades que tenho  
Da aurora da minha vida,  
Da minha infância querida  
Que os anos não trazem mais!  
Que amor, que sonhos, que flores  
Naquelas tardes fagueiras  
À sombra das bananeiras,  
Debaixo dos laranjais!

Como são belos os dias  
Do despontar da existência!  
— Respira a alma inocência  
Como perfumes a flor;  
O mar é — lago sereno,  
O céu — um manto azulado,  
O mundo — um sonho dourado,  
A vida — um hino d'amor!

Que auras, que sol, que vida,  
Que noites de melodia  
Naquela doce alegria,  
Naquele ingênuo folgar!  
O céu bordado d'estrelas,  
A terra de aromas cheia,  
As ondas beijando a areia  
E a Lua beijando o mar!

Oh, dias da minha infância!  
Oh, meu céu de primavera!  
Que doce a vida não era  
Nessa risonha manhã!  
Em vez das mágoas de agora,  
Eu tinha nessas delícias  
De minha mãe as carícias  
E beijos de minha irmã!

Livre filho das montanhas,  
Eu ia bem satisfeito,  
Da camisa aberto o peito,  
— Pés descalços, braços nus —

Correndo pelas campinas  
À roda das cachoeiras,  
Atrás das asas ligeiras  
Das borboletas azuis!

Naqueles tempos ditosos  
la colher as pitangas,  
Trepava a tirar as mangas,  
Brincava à beira do mar;  
Rezava as Ave-Marias,  
Achava o céu sempre lindo,  
Adormecia sorrindo  
E despertava a cantar!

**Saudades**

Nas horas mortas da noite  
Como é doce o meditar  
Quando as estrelas cintilam  
Nas ondas quietas do mar;  
Quando a lua majestosa  
Surgindo linda e formosa,  
Como donzela vaidosa  
Nas águas se vai mirar!

Nessas horas de silêncio,  
De tristezas e de amor,  
Eu gosto de ouvir ao longe,  
Cheio de mágoa e de dor,  
O sino do campanário  
Que fala tão solitário  
Com esse som mortuário  
Que nos enche de pavor.

Então — proscrito e sozinho —  
Eu solto aos ecos da serra  
Suspiros dessa saudade  
Que no meu peito se encerra.  
Esses prantos de amargores  
São prantos cheios de dores:  
— Saudades — dos meus amores,  
— Saudades — da minha terra !

...1856

**Sete de Setembro**

A D. Pedro II

I

Foi um dia de glória! - O povo altivo  
Trocou sorrindo as vozes de cativo  
Pelo cantar das festas!  
O leão indomável do deserto  
Bramiu soberbo, dos grilhões liberto,  
No meio das florestas!

Lá no Ipiranga do Brasil o Marte  
Enrolado nas dobras do estandarte  
Erguia o augusto porte;  
Cercada a frente dos lauréis da glória  
Soltou tremendo brado da vitória:  
- Independência ou morte!

O santo amor dos corações ardentes  
Achou eco no peito dos valentes  
No campo e na cidade;  
E nos salões - do pescador nos lares,  
Livres soaram hinos populares  
À voz da liberdade!

II

Anos correram; - no torrão fecundo  
Ao sol de fogo deste novo-mundo  
A semente brotou;  
E franca e leda, a geração nascente  
À copa altiva da árvore frondente  
Segura se abrigou!

A roda da bandeira sacrossanta  
Um povo esperançoso se levanta  
Infante e a sorrir!  
A nação do letargo se desperta,  
E - livre - marcha pela estrada aberta  
Às glórias do porvir!

O país, n'alegria todo imerso,  
Velava atento à roda só dum berço.  
Era o vosso, Senhor!  
Vós do tronco feliz doce renovo,  
Vede agora, Senhor, na voz do povo  
Quão grande é seu amor!

Rio - 1858.

**Amor e medo**

I

Quanto eu te fujo e me desvio cauto  
Da luz de fogo que te cerca, oh! bela,  
Contigo dizes, suspirando amores:  
"- Meu Deus! que gelo, que frieza aquela."

Como te enganas! meu amor é chama  
Que se alimenta no voraz segredo,  
E se te fujo é que te adoro louco...  
És bela - eu moço; tens amor - eu medo!

Tenho medo de mim, de ti, de tudo,  
Da luz, da sombra, do silêncio ou vozes,  
Das folhas secas, do chorar das fontes,  
Das horas longas a correr velozes.

O véu da noite me atormenta em dores,  
A luz da aurora me intumesce os seios,  
E ao vento fresco do cair das tardes  
Eu me estremeço de cruéis receios.

É que esse vento que na várzea - ao longe,  
Do colmo o fumo caprichoso ondeia,  
Soprando um dia tornaria incêndio  
A chama viva que teu riso ateia!

Ai! se abrasado crepitasse o cedro,  
Cedendo ao raio que a tormenta envia,  
Diz: - que seria da plantinha humilde  
Que à sombra dele tão feliz crescia?

A labareda que se enrosca ao tronco  
Torrara a planta qual queimara o galho,  
E a pobre nunca reviver pudera  
Chovesse embora paternal orvalho!

#### II

Ai! se eu te visse no calor da sesta,  
A mão tremente no calor das tuas,  
Amarrotado o teu vestido branco,  
Soltos cabelos nas espáduas nuas!...

Ai! se eu te visse, Magdalena pura,  
Sobre o veludo reclinada a meio,  
Olhos cerrados na volúpia doce,  
Os braços frouxos - palpitante o seio!...

Ai! se eu te visse em languidez sublime,  
Na face as rosas virginais do pejo,  
Trêmula a fala a protestar baixinho...  
Vermelha a boca, soluçando um beijo!...

Diz: - que seria da pureza d'anjo,  
Das vestes alvas, do candor das asas?  
- Tu te queimaras, a pisar descalça,  
- Criança louca, - sobre um chão de brasas!

No fogo vivo eu me abrasara inteiro!  
Ébrio e sedento na fugaz vertigem

Vil, machucara com meu dedo impuro  
As pobres flores da grinalda virgem!

Vampiro infame, eu sorveria em beijos  
Toda a inocência que teu lábio encerra,  
E tu serias no lascivo abraço  
Anjo enlodado nos paus da terra.

Depois... desperta no febril delírio,  
- Olhos pisados - como um vão lamento,  
Tu perguntaras: - qu'ê da minha c'roa?...  
Eu te diria: - desfolhou-a o vento!...

Oh! não me chames coração de gelo!  
Bem vês: traí-me no fatal segredo.  
Se de ti fujo é que te adoro e muito,  
És bela - eu moço; tens amor, eu - medo!...

Outubro - 1858.

---

Leia:

DOUGLAS E O LIVRO DE LUZ!  
Você vai se surpreender!